

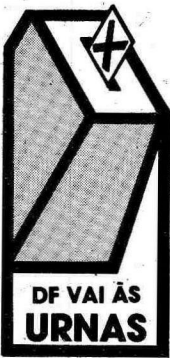
Roriz denuncia manobra

Candidato diz que há uma campanha para que os seus eleitores votem errado

João Carlos Henriques

Jorge Cardoso 25/03/90

Candidatos a governador do Distrito Federal estão fazendo campanha de desinformação do eleitorado das classes "D" e "E". Seus cabos eleitorais "ensinam" os eleitores menos informados a votarem em dois candidatos a governador, alegando que dois vão para o segundo turno da eleição. "Orientam ainda esses eleitores a votarem em três candidatos a senador, repetindo o que ocorreu na eleição de 1986. Com isso, esses votos serão considerados nulos". A denúncia é do candidato Joaquim Roriz (PTR-Frente Comunidade), que se sente o mais prejudicado com essa campanha, pois detém a maioria das intenções de votos das classes "D" e "E". Essa campanha foi detectada por assessores de Roriz em locais periféricos do DF, principalmente em Samambaia, um dos principais redutos eleitorais de Joaquim Roriz. Ele estaria ainda sendo vítima de uma central de boatos. Em entrevista exclusiva ao **Jornal de Brasília**, Roriz lembra que quando o presidente do Congresso Nacional, senador Nelson Carneiro, sofreu um acidente automobilístico, disseram que ele, Roriz, é que seria a vítima. O último boato, de acordo com Roriz, foi de que ele teria sido baleado nesse último domingo, em Samambaia, durante um dos 14 comícios que fez nessa satélite. Otimista, Roriz acredita que vence a eleição no primeiro turno, no dia 3 de outubro, com 66% dos votos válidos. O raciocínio dele é de que terá entre 48 e 58% dos votos. Como 15 a 20% dos votos serão nulos ou brancos, Roriz chegaria aos 66% dos votos válidos.



Joaquim Roriz garante que não haverá segundo turno, pois vencerá as eleições de 3 de outubro com 66% dos votos válidos

A entrevista

JBr — A que o senhor atribuiu os boatos sobre acidente automobilístico que o senhor teria sofrido e um tiro que o teria ferido ontem (anteontem) em Samambaia?

Roriz — Normalmente, nos últimos dias que antecedem uma eleição, a boataria é muito forte. Ela é oriunda dos adversários porque a vitória está cada vez mais distante deles. Aham que com a boataria e conversas que confundem o eleitor podem se beneficiar. Já me acostumei com essas coisas ao longo de minha vida pública. Quando sentem que não têm condição de ganhar, os adversários começam a lançar boatos, com intenção de prejudicar e confundir o eleitorado. Estamos vacinados contra esses acontecimentos.

O senhor confirma a informação de que um adversário seu na campanha eleitoral está promovendo uma campanha de se votar em dois candidatos para governador e três para senador com o objetivo de aumentar o número de votos nulos nos seus principais redutos eleitorais?

Os adversários fazem tudo. A boataria chega ao nível de prejudicar os votos. Isso está acontecendo. Adversários meus estão percorrendo alguns locais dizendo que se pode votar em dois candidatos a governador e três a senador. Isso não é verdade. Só se pode votar em um governador e um senador. Se o elei-

tor votar em dois candidatos a governador e em mais de um candidato a senador, o voto será anulado. É bom que isso fique bem claro para os eleitores. Isso são coisas de adversários que querem tumultuar e anular votos.

O senhor tem informação sobre a origem dessa campanha?

Informações concretas, com provas, eu não tenho. É possível que seja dos meus três adversários. Todos os três sabem que não há a mínima possibilidade de ter sucesso na eleição. Estou certo também que isso é querer subestimar a inteligência do povo. O homem pode até ser analfabeto, mas sabe o que quer. Dizer uma coisa dessas a um eleitor é violentá-lo. É fazer pouco desse eleitor.

Alguns institutos de pesquisa dão conta que há possibilidade de um segundo turno, ao contrário do que o senhor vem apregoando, que ganha no primeiro turno. O senhor acredita de fato que ganhará a eleição no primeiro turno?

As pesquisas, inclusive a mais recente, que é do DataFolha, nos dá absoluta certeza da vitória. Em todas estou mais ou menos no mesmo patamar. Na última do DataFolha fiquei com 48%, enquanto que em outros institutos chego até a 58% das intenções de voto. Isso é uma variação natural que depende muito do universo pesquisado e até

da hora em que a pesquisa é feita. O importante é que existe um mínimo e um máximo. Estou entre 48 e 58%. Mesmo que tenhamos o mínimo desses votos temos a certeza que teremos a vitória no primeiro turno.

Os cientistas políticos da UnB, Davi Fleisher e Benício Schmidt, fizeram uma análise do quadro eleitoral em Brasília segundo a qual os indecisos devem levar o DF ao segundo turno. Como o senhor recebe essa análise?

Essa análise demonstra, claramente, o desejo de beneficiar aqueles que não estão bem nas pesquisas. Não tenho o que comentar. Política é muito simples. É só verificar a tendência do povo. Posso te adiantar que eu duvido que tenha um segundo turno. Tenho absoluta certeza da vitória, até porque estou na rua. Hoje não tem uma cidade, um bairro, um povoado, uma avenida que eu não percorri e onde não tenha recebido aplausos. Tenho recebido sinais positivos da maioria esmagadora da sociedade de Brasília. Essas análises têm um direcionamento e são feitas com o intuito de beneficiar, principalmente, aqueles que não têm uma boa performance no processo eleitoral de Brasília.

O senhor e o alto comando de sua campanha eleitoral devem fazer reuniões para analisar o qua-

dro eleitoral e as suas possibilidades na eleição. Qual a sua expectativa? O senhor acredita que vencerá no primeiro turno com que percentual de votos válidos?

Quero que você anote. Hoje a minha análise pessoal é que ganharemos no primeiro turno com 66% dos votos válidos. Anote e depois me cobre quando tiver o resultado.

Como é que o senhor chegou nesses 66%

Estou partindo do pressuposto que essa eleição terá entre 15 e 20% de votos brancos ou nulos. Se foram 100 votos ao todo, somente 80 serão válidos. Se eu tiver entre 50 e 53% de todos os votos, esses 50 a 53% que terei, no mínimo, vão representar os 66%. A média entre o mínimo — 48% — e o máximo — 58% — que tenho é de 53% do total de votos. Terei cerca de dois terços dos votos válidos.

Mas o senhor não aceitaria discutir a possibilidade do segundo turno?

Não. Não discuto. Quero dizer que não sou auto-suficiente. Não sou melhor do que ninguém. Estou querendo analisar e responder dentro de uma realidade. Dizer o contrário é querer subestimar a inteligência de cada um de nós. Não quero aqui humilhar os meus adversários. Não é essa a minha intenção. Quero dizer é que conheço a reali-

dade de Brasília com toda a modéstia. Confira depois se estou ou não certo.

Qual sua estratégia para essa última semana de campanha eleitoral? Ao que parece a campanha ficará mais agressiva agora.

Não, pelo contrário. Acho que nossos adversários já estão abatidos. A reação de um adversário abatido é a de se acomodar. Adversário quando se sente derrotado não tem ânimo. Sente até receio e constrangimento de fazer visitas, fazer a campanha do corpo-a-corpo. Isso é natural. Acho que nessa reta final meus adversários vão se acomodar. Nós também não vamos fazer nada de novo. Vamos encerrar a campanha e teremos alguns eventos grandiosos, como por exemplo, um grande comício no dia 30 que deverá ocorrer no Plano Piloto, mas ainda falta definir o local. Vamos continuar o corpo-a-corpo. Estou gravando. Vou reservar dois dias para as últimas gravações. A última gravação mostrará, definitivamente o que queremos e farei uma prestação de contas de nossa campanha. Mostrarei, também, quais serão as minhas realizações. Tenho agora certeza que ninguém mais vai mudar de posição. Tenho certeza também que os indecisos vão se definir nessa semana. A tendência da maioria dos indecisos será a de optar por nossa candidatura.